

RESENHA

Livro: **De Cecigua a Fundação Cecierj: Trajetórias na educação em ciências e na divulgação científica no estado do Rio de Janeiro**

Autores: **J. N. Rocha, D. Magalhães, L. Massarani e M.S. Dahmouche**

Fundação CECIERJ, 2020. DOI: **10.18264/ebook-cecigua**

Autor: Deise Miranda Vianna

ORCID: 0000-0001-5846-0841

Em 2020, recebi da direção da Fundação Centro de Ciências do Estado do Rio de Janeiro (CECIERJ) este livro. Fiquei encantada e impressionada com o trabalho de pesquisa que foi feito para realizá-lo. Na época, período de pandemia, não o li todo, deixando para fazê-lo ao final de período tão nefasto. Mas escolhi algumas partes que se destacavam. Pude observar que deveria fazer uma leitura bem mais minuciosa. Esta vontade continuou, até que, em julho de 2021, fui convidada pelo então Vice-presidente científico, Robson Coutinho Silva, para fazer esta resenha. Fiquei empolgada e agora teria que fazer a tal leitura minuciosa - que muito me surpreendeu pelo detalhamento das inúmeras atividades desenvolvidas pela Instituição.

Durante a escrita da resenha, fiquei contente por identificar inúmeras passagens de minha vida profissional nos espaços do CECIERJ. Hoje (2021), tenho mais de 50 anos de magistério, sempre atuando em sala ou em projetos de formação continuada. Assim, foi difícil, para mim, não me reportar a algumas vivências que tive.

E com esta leitura, me recordo da antiga sede no Colégio Estadual João Alfredo, onde começaram os primeiros cursos para professores. Com o nome de CECIGUA (Centro de Ciências do Estado da Guanabara), conseguia reunir professores e estudantes de licenciatura para discutir e apresentar novas tendências para o ensino de ciências, destacando o ensino experimental. A visão de ciência era transmitida por profissionais de diferentes áreas do conhecimento, apontando para uma visão multidisciplinar deste ensino. Com está dito na página 42, "incentivar a participação do estudante, propor-lhe problemas e levá-lo a realizar observações e experiências na escola e no lar".

Importante destacar que outros Centros de Ciências estavam sendo criados no Brasil, mas o CECIERJ tem sua trajetória própria. No período inicial (1965), os coordenadores buscavam apoio de instituições públicas e privadas. Há muitos recortes de jornais e depoimentos que demonstram a participação do CECIERJ em eventos de divulgação, como também incentivos às feiras de ciências. E sempre visando o professor como incentivador e motivador para o ensino de ciências.

Como sabemos, mudanças políticas e de legislação (Lei 5692 de 1971) ocasionam mudanças em instituições como também na estrutura escolar. O CECIGUA enfrentou sempre tais mudanças, mas conseguiu manter seu caráter de propulsor na melhoria do ensino de ciências até hoje. Os professores acompanhavam cursos de atualização em laboratórios e aprendiam também a produzir materiais didáticos. São inúmeros os relatos que os autores apresentam nas diferentes décadas.

Foi na década de 1970, já com meu curso de licenciatura em Física terminado, que subo a ladeira do Colégio Estadual João Alfredo para conhecer as propostas do CECIGUA. Lendo sobre este período, vejo o quanto foi importante a atuação do CECIGUA em mudanças de mentalidade de professores e dirigentes de escolas para um ensino mais ativo. Ele, com sua equipe, foi um precursor de metodologias de ensino de ciências que se desenvolviam, com mais estudos sobre ensino e aprendizagem, no campo educacional.

O livro aponta destaques dados pela mídia em relação à sua atuação no campo educacional.

O nome da instituição vai mudando ao longo do tempo: CECIGUA, CECI e CECIERJ, muito em função de onde estava alocada, isto é, em que Secretaria do Governo do Estado da Guanabara e do Rio de Janeiro estava vinculada. Mas isto não abalou seus princípios básicos de proporcionar um ensino de ciências de qualidade, tanto para professores como para alunos, em feiras e clubes de ciências.

Nos anos de 1980, o CECIERJ sofreu com redução de recursos, mas na década de 1990, há uma grande mudança, praticamente com duas sedes novas (uma dentro da UERJ e outra em Nova Friburgo). Houve toda uma reformulação no espaço no prédio da UERJ para atender cursos com atividades experimentais. E em Nova Friburgo, havia salas, laboratórios e dormitórios.

Foram momentos com muitas atividades, e se destaca aqui a relação com outras instituições de ensino superior e órgãos de divulgação científica. O grupo que levava todo o trabalho era multidisciplinar e multi-institucional. A riqueza de experiências foi destacada, não só com as áreas de física, química, biologia, matemática, como a inclusão da informática educativa, artes e até discussões sobre filosofia da ciência. As atividades na sede de Nova Friburgo eram do tipo de "imersão". Nesta época, comecei a me envolver mais como docente e usufruir de todas as discussões que ocorriam entre professores e alunos-professores. No livro, estão destacados os apoios de governo como de outros órgãos privados. Destaca-se neste período as atividades de extensão, com a Unidade Móvel de Informática, período em que o computador começava a se fazer presente na vida de estudantes e professores. As ações do CECIERJ continuavam seu pioneirismo, mostrando as grandes inovações nas áreas de ciências e tecnologia.

Há períodos em que algumas atividades de divulgação se destacam, como no evento da "SBPC vai à rua" (1991-1992). Estava o CECIERJ indo para fora das suas sedes com outras instituições, incluído aqui a Unidade Móvel. Este detalhamento confirma o compromisso da instituição em divulgar a ciência em diferentes pontos do Estado do Rio de Janeiro.

Sendo o CECIERJ uma instituição pública e vinculada ao governo de Estado, algumas ações sociais foram criadas e depois incluídas na gerência do CECIERJ. Este foi o caso da Praça da Ciência, localizada em Quintino. Estas ações estão muito bem detalhadas no livro dos autores, mostrando sempre ações realizadas por diferentes Instituições de Ensino de Pesquisa, coordenadas pelo CECIERJ.

Em 1995, convidada a presidir o CECIERJ, encarei como um desafio, tendo que gerenciar pessoal, sedes e falta de verbas. Este é um momento, até 1998, que se tornou um divisor de águas na minha vida profissional. As atividades nos 3 espaços (sede na UERJ, em Nova Friburgo e em Quintino) eram intensas, com professores lotados na instituição, bolsistas e colaboradores. As verbas foram chegando através do governo e de parcerias. A circulação de professores, licenciandos,

e até de alunos era grande. Destacamos aqui que a política educacional estava passando por mudanças e acompanhamos as questões científicas e metodológicas com discussões nos cursos que eram dados. A internet estava instalada e a procura pelos cursos de Informática Educativa foi enorme. Como é destacado no livro (p. 128), a ênfase estava na formação continuada do professor, possibilitando um trabalho multidisciplinar e procurando mostrar que a ciência que é ensinada deve estar acompanhando a ciência que é realizada nas Instituições de Pesquisa, com convites a pesquisadores e a visita de um Prêmio Nobel em Química.

A chegada do século XXI começa para o CECIERJ, agora Fundação CECIERJ, com a ampliação dos eventos de Divulgação Científica e com a implantação da Educação Superior a Distância. Novos acordos foram feitos com Instituições de Ensino Superior. Suas características iniciais, de levar novos conhecimentos a alunos e professores foram mantidas, atualizando-se, complementando com as novas tecnologias e principalmente não se afastando do que está expresso na pág. 141: “ as ações de ensino de ciências e de divulgação científica como produção plurais e em diálogo com a sociedade e com vários campos de estudo.”

O livro apresenta uma riqueza de detalhes de acontecimentos na instituição, dando uma perfeita visão de que sempre houve o compromisso com a qualidade do ensino de ciências. Aprende-se muito com os relatos, demonstrando que nos diferentes momentos políticos pelos quais passamos neste período, estava de pé uma instituição que não renunciou a seus princípios, sempre com direções envolvidas e comprometidas com sua existência. Tanto para professores mais antigos, como para os novos e alunos de licenciatura, a leitura é fundamental.

Deise Miranda Vianna

Doutora em Educação -Ensino de Ciências – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). Professora Associada do Instituto de Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora colaboradora do Programa de Pós-graduação Ensino de Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz da Fundação Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz).

e-mail: deisemv@if.ufrj.br

Recebido em: dezembro de 2021

Publicado em: outubro de 2022
